



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Tatho-Lisboa • Telefone 5339 C.
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

O PROJETO DE LEI DO INQUILINATO

Mal por mal...

Continuarão todas as injustiças e mais uma: o aumento legal das rendas

Dissemos ontem que o projeto de reforma da lei do inquilinato que o sr. Lopes Cardoso, ministro da justiça, pretende apresentar ao parlamento nada valia porque não resolvia o ponto principal do problema: a falta de habitações. Analisámos alguns artigos que pouco valor tem, embora não duvidemos as boas intenções do seu autor.

Hoje examinaremos mais algumas disposições do projeto, aquelas que directamente interessam a opinião pública.

O artigo 126.º que ontem citámos impede até certo ponto que indivíduos que actualmente não ocupem as habitações que alugam a segundos, explorem outros inquilinos, subarranquem-lhes as casas por preços fabulosos.

Ora, um dos maiores perigos a que o inquilino está exposto é o despedimento que o arremessa violentamente para a rua, onde tem de ficar até que a sorte lhe depare uma habitação. Essa sorte nem sempre se tem, e neste caso, vêem-se às vezes famílias na contingência de dormir ao relento, à chuva e ao frio, durante largo tempo.

O sr. Lopes Cardoso tomou as seguintes medidas para evitar esse transtorno:

O senhor só poderá despedir o arrendatário antes do arrendamento terminar. Quando o inquilino não puder a renda pela forma legal, no dia do vencimento ou dentro do prazo em que pode efectuar o despedimento, quando haja necessidade de fazer no prédio obras indispensáveis e urgentes mas, neste caso, o inquilino poderá despedir o inquilino, podendo fazer as despesas com a mesma renda, — apenas com o aumento permitido por esta lei. E' também motivo de despedimento o facto do arrendatário sub-locar o prédio arrendado ou alugar quartos ou parte da casa, sem autorização por escrito do inquilino, quando este comete actos contrários sub-locar a casa ou parte dela no preço superior ao do seu arrendamento que deva atribuir-se-lhe em relação à renda fixada no inquilino sub-locador e quando, a pretexto de alugar quartos, punham o inquilino na rua. Se as disposições da antiga lei não evitavam o despedimento sob o pretexto de obras de reparação, isso veremos...

Não, os senhorios não precisam de disposições legais que lhes permitam maiores extorsões do que as que já fizemos.

No entanto o sr. Lopez Cardoso deixou-se seduzir pelos gemidos hipócritas dos gananciosos proprietários, organizando complicadas tabelas de aumentos. Porém, para que não digam que não cuida igualmente dos interesses dos inquilinos, garante, ou tenta garantir, a estes a liberdade de pedir a diminuição da renda. Estes devidos de aumento ou diminuição apenas poderão ser feitos uma vez. No caso de não haver concordância entre as duas partes o caso será entregue a um juiz, que fará a avaliação.

Escusado será dizer que o inquilino ficará, na maioria dos casos, de parte, porque, apesar de aumentar a renda, o proprietário evocado esta necessidade para despedir o inquilino? A lei antiga também dava esta espécie de garantia ao inquilino. No entanto os senhorios manobravam hipócritamente, inventavam necessidade de obras quanto esta não existia; de combinação com a câmara punham o inquilino na rua. Se as disposições da antiga lei não evitavam o despedimento sob o pretexto de obras de reparação, isso veremos...

E' permitido ao senhorio aumentar, E' quanto basta. Que o inquilino tenha também a lei em seu favor, pouco importa. O senhorio é poderoso; disseram-lhe que podia aumentar — e ele aumentará custe o que custar. Conflitos e injustiças vão surgir, vão juntar-se aos que já tem havido. Deixá-lo! Os senhorios podem aumentar...

O inquilino tem sido até hoje a grande vítima. Paga rendas pesadas, é posto no meio da rua e obrigado a passar a noite ao relento; se vive em quartos ou parte de casa, não tem a mais pequena disposição legal que o proteja. Que vantagens traz, no entanto, a futura lei a essa vítima? Permitir aos senhorios o aumento...

Portanto, os despedimentos não serão evitados; os aumentos que até hoje só eram feitos por quem se sentiu autorizado a cometer a desordem, se tem feito ilegalmente, terão amanhã a sanção da lei; a especulação ignobil dos quartos alugados continuará; por a lei apenas acabar com os intermediários que não moram nas casas que arrendam.

O inquilino ganancioso que habitando dois ou três apartamentos, duma habitação, aluga os restantes por um dinheirão louco, continuará impunemente o seu negócio, despedindo o hóspede ou admitindo quando lhe aprouver, sem que haja um artigo sequer, que proteja esse hóspede que representa bem um terço da população das cidades.

A nova lei se for aprovada permitirá a maioria dos abusos que até hoje se tem cometido e mais: abrir a porta falso aos senhorios que poderão aumentar-nos impunemente as rendas. Mal por mal, que fique a lei que está em vigor...

Como se vê o senhorio neste caso por a esquadra britânica o impedir certamente.

Quando as armas enviadas pelos aliados foram desembocadas das submarinas nas costas irlandesas, foram prontamente apreendidas, e a revolta, apesar dos esforços dos extremistas simpatizantes do dinheiro distribuído pelos alemães teve um fraco apoio e foi rapidamente sufocada. — Rádio.

Manuel Ribeiro

A propósito da libertação do nosso camarada Manuel Ribeiro, foi recebido ontem nesta redacção o seguinte telegrama:

VIZEU, 9. — Ao brilhante escritor revolucionário saudações do mais humilde admirador. — Elio Esteves.

Presos por questões sociais

Francisco Cunha, preso no Forte de Monsanto, comunica-nos que da Associação dos Manipuladores de Pão de Lisboa recebeu 12.515, e de P. Alves Braga, 150.

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Liberdade, liberdade...

O sr. Liberato Pinto não deseja, de certo, que «A Batalha» seja censurada

O sr. presidente de ministério com certeza que não sabe do que está passando. E porque não sabe, apressamo-nos a comunicar-lho: «A Batalha» está desde ontem sendo censurada pela polícia de segurança do Estado.

Julgamos que o sr. presidente de ministério ignora este facto, porque não devemos ou não queremos duvidar da palavra de s. ex.º. O sr. Liberato Pinto, não se esqueceu de certo que, ao suíço ao poder, fez as mais rasgadas promessas de liberdade de imprensa, de pensamento, etc.

Não foi, portanto, o sr. Liberato que ordenou à polícia de segurança que censurasse «A Batalha». Não foi. Não podia ser. O sr. Liberato é pessoa que presa a sua honra, a sua dignidade e não faltaria assim a palavra dada.

Mas se não foi o sr. Liberato quem deu essa ordem, a censura que outros exercem sobre nós está comprometendo a sua honra, como se fosse o sr. presidente de ministério que a exigisse.

A polícia de segurança do Estado não pode ir contra a vontade do sr. presidente de ministério. O sr. Liberato não consentiria que aquela corporação que não pode, por capricho seu, perseguir a imprensa, continue a praticar semelhante violência.

O sr. Liberato Pinto é «A Batalha», todos sabemos que a lê, com certeza. O sr. Liberato Pinto vai — estamos absolutamente convencidos — telefonar imediatamente para o governo civil ordenando à polícia de segurança o levantamento da censura.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo falso onde elas se agitam as obriga a manifestar os bons ou os maus sentimentos, e não porque a sua compleição psíquica as impulsiona. Na ação dos seus dramas há um determinismo, um fatalismo a dominar-las, que as obriga a lutar; os bons contra os maus espíritos; os defensores da mentira contra os pioneiros da verdade.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo falso onde elas se agitam as obriga a manifestar os bons ou os maus sentimentos, e não porque a sua compleição psíquica as impulsiona. Na ação dos seus dramas há um determinismo, um fatalismo a dominar-las, que as obriga a lutar; os bons contra os maus espíritos; os defensores da mentira contra os pioneiros da verdade.

O sr. Liberato Pinto é «A Batalha», todos sabemos que a lê, com certeza. O sr. Liberato Pinto vai — estamos absolutamente convencidos — telefonar imediatamente para o governo civil ordenando à polícia de segurança o levantamento da censura.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo falso onde elas se agitam as obriga a manifestar os bons ou os maus sentimentos, e não porque a sua compleição psíquica as impulsiona. Na ação dos seus dramas há um determinismo, um fatalismo a dominar-las, que as obriga a lutar; os bons contra os maus espíritos; os defensores da mentira contra os pioneiros da verdade.

O sr. Liberato Pinto é «A Batalha», todos sabemos que a lê, com certeza. O sr. Liberato Pinto vai — estamos absolutamente convencidos — telefonar imediatamente para o governo civil ordenando à polícia de segurança o levantamento da censura.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo falso onde elas se agitam as obriga a manifestar os bons ou os maus sentimentos, e não porque a sua compleição psíquica as impulsiona. Na ação dos seus dramas há um determinismo, um fatalismo a dominar-las, que as obriga a lutar; os bons contra os maus espíritos; os defensores da mentira contra os pioneiros da verdade.

O sr. Liberato Pinto é «A Batalha», todos sabemos que a lê, com certeza. O sr. Liberato Pinto vai — estamos absolutamente convencidos — telefonar imediatamente para o governo civil ordenando à polícia de segurança o levantamento da censura.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo falso onde elas se agitam as obriga a manifestar os bons ou os maus sentimentos, e não porque a sua compleição psíquica as impulsiona. Na ação dos seus dramas há um determinismo, um fatalismo a dominar-las, que as obriga a lutar; os bons contra os maus espíritos; os defensores da mentira contra os pioneiros da verdade.

O sr. Liberato Pinto é «A Batalha», todos sabemos que a lê, com certeza. O sr. Liberato Pinto vai — estamos absolutamente convencidos — telefonar imediatamente para o governo civil ordenando à polícia de segurança o levantamento da censura.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo falso onde elas se agitam as obriga a manifestar os bons ou os maus sentimentos, e não porque a sua compleição psíquica as impulsiona. Na ação dos seus dramas há um determinismo, um fatalismo a dominar-las, que as obriga a lutar; os bons contra os maus espíritos; os defensores da mentira contra os pioneiros da verdade.

O sr. Liberato Pinto é «A Batalha», todos sabemos que a lê, com certeza. O sr. Liberato Pinto vai — estamos absolutamente convencidos — telefonar imediatamente para o governo civil ordenando à polícia de segurança o levantamento da censura.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo falso onde elas se agitam as obriga a manifestar os bons ou os maus sentimentos, e não porque a sua compleição psíquica as impulsiona. Na ação dos seus dramas há um determinismo, um fatalismo a dominar-las, que as obriga a lutar; os bons contra os maus espíritos; os defensores da mentira contra os pioneiros da verdade.

O sr. Liberato Pinto é «A Batalha», todos sabemos que a lê, com certeza. O sr. Liberato Pinto vai — estamos absolutamente convencidos — telefonar imediatamente para o governo civil ordenando à polícia de segurança o levantamento da censura.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo falso onde elas se agitam as obriga a manifestar os bons ou os maus sentimentos, e não porque a sua compleição psíquica as impulsiona. Na ação dos seus dramas há um determinismo, um fatalismo a dominar-las, que as obriga a lutar; os bons contra os maus espíritos; os defensores da mentira contra os pioneiros da verdade.

O sr. Liberato Pinto é «A Batalha», todos sabemos que a lê, com certeza. O sr. Liberato Pinto vai — estamos absolutamente convencidos — telefonar imediatamente para o governo civil ordenando à polícia de segurança o levantamento da censura.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo falso onde elas se agitam as obriga a manifestar os bons ou os maus sentimentos, e não porque a sua compleição psíquica as impulsiona. Na ação dos seus dramas há um determinismo, um fatalismo a dominar-las, que as obriga a lutar; os bons contra os maus espíritos; os defensores da mentira contra os pioneiros da verdade.

O sr. Liberato Pinto é «A Batalha», todos sabemos que a lê, com certeza. O sr. Liberato Pinto vai — estamos absolutamente convencidos — telefonar imediatamente para o governo civil ordenando à polícia de segurança o levantamento da censura.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo falso onde elas se agitam as obriga a manifestar os bons ou os maus sentimentos, e não porque a sua compleição psíquica as impulsiona. Na ação dos seus dramas há um determinismo, um fatalismo a dominar-las, que as obriga a lutar; os bons contra os maus espíritos; os defensores da mentira contra os pioneiros da verdade.

O sr. Liberato Pinto é «A Batalha», todos sabemos que a lê, com certeza. O sr. Liberato Pinto vai — estamos absolutamente convencidos — telefonar imediatamente para o governo civil ordenando à polícia de segurança o levantamento da censura.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo falso onde elas se agitam as obriga a manifestar os bons ou os maus sentimentos, e não porque a sua compleição psíquica as impulsiona. Na ação dos seus dramas há um determinismo, um fatalismo a dominar-las, que as obriga a lutar; os bons contra os maus espíritos; os defensores da mentira contra os pioneiros da verdade.

O sr. Liberato Pinto é «A Batalha», todos sabemos que a lê, com certeza. O sr. Liberato Pinto vai — estamos absolutamente convencidos — telefonar imediatamente para o governo civil ordenando à polícia de segurança o levantamento da censura.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo falso onde elas se agitam as obriga a manifestar os bons ou os maus sentimentos, e não porque a sua compleição psíquica as impulsiona. Na ação dos seus dramas há um determinismo, um fatalismo a dominar-las, que as obriga a lutar; os bons contra os maus espíritos; os defensores da mentira contra os pioneiros da verdade.

O sr. Liberato Pinto é «A Batalha», todos sabemos que a lê, com certeza. O sr. Liberato Pinto vai — estamos absolutamente convencidos — telefonar imediatamente para o governo civil ordenando à polícia de segurança o levantamento da censura.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo falso onde elas se agitam as obriga a manifestar os bons ou os maus sentimentos, e não porque a sua compleição psíquica as impulsiona. Na ação dos seus dramas há um determinismo, um fatalismo a dominar-las, que as obriga a lutar; os bons contra os maus espíritos; os defensores da mentira contra os pioneiros da verdade.

O sr. Liberato Pinto é «A Batalha», todos sabemos que a lê, com certeza. O sr. Liberato Pinto vai — estamos absolutamente convencidos — telefonar imediatamente para o governo civil ordenando à polícia de segurança o levantamento da censura.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo falso onde elas se agitam as obriga a manifestar os bons ou os maus sentimentos, e não porque a sua compleição psíquica as impulsiona. Na ação dos seus dramas há um determinismo, um fatalismo a dominar-las, que as obriga a lutar; os bons contra os maus espíritos; os defensores da mentira contra os pioneiros da verdade.

O sr. Liberato Pinto é «A Batalha», todos sabemos que a lê, com certeza. O sr. Liberato Pinto vai — estamos absolutamente convencidos — telefonar imediatamente para o governo civil ordenando à polícia de segurança o levantamento da censura.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo falso onde elas se agitam as obriga a manifestar os bons ou os maus sentimentos, e não porque a sua compleição psíquica as impulsiona. Na ação dos seus dramas há um determinismo, um fatalismo a dominar-las, que as obriga a lutar; os bons contra os maus espíritos; os defensores da mentira contra os pioneiros da verdade.

O sr. Liberato Pinto é «A Batalha», todos sabemos que a lê, com certeza. O sr. Liberato Pinto vai — estamos absolutamente convencidos — telefonar imediatamente para o governo civil ordenando à polícia de segurança o levantamento da censura.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo falso onde elas se agitam as obriga a manifestar os bons ou os maus sentimentos, e não porque a sua compleição psíquica as impulsiona. Na ação dos seus dramas há um determinismo, um fatalismo a dominar-las, que as obriga a lutar; os bons contra os maus espíritos; os defensores da mentira contra os pioneiros da verdade.

O sr. Liberato Pinto é «A Batalha», todos sabemos que a lê, com certeza. O sr. Liberato Pinto vai — estamos absolutamente convencidos — telefonar imediatamente para o governo civil ordenando à polícia de segurança o levantamento da censura.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo falso onde elas se agitam as obriga a manifestar os bons ou os maus sentimentos, e não porque a sua compleição psíquica as impulsiona. Na ação dos seus dramas há um determinismo, um fatalismo a dominar-las, que as obriga a lutar; os bons contra os maus espíritos; os defensores da mentira contra os pioneiros da verdade.

O sr. Liberato Pinto é «A Batalha», todos sabemos que a lê, com certeza. O sr. Liberato Pinto vai — estamos absolutamente convencidos — telefonar imediatamente para o governo civil ordenando à polícia de segurança o levantamento da censura.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo falso onde elas se agitam as obriga a manifestar os bons ou os maus sentimentos, e não porque a sua compleição psíquica as impulsiona. Na ação dos seus dramas há um determinismo, um fatalismo a dominar-las, que as obriga a lutar; os bons contra os maus espíritos; os defensores da mentira contra os pioneiros da verdade.

O sr. Liberato Pinto é «A Batalha», todos sabemos que a lê, com certeza. O sr. Liberato Pinto vai — estamos absolutamente convencidos — telefonar imediatamente para o governo civil ordenando à polícia de segurança o levantamento da censura.

As suas figuras são generosas ou egoistas porque o mundo

(4)

EM TOURS

CONGRESSO NACIONAL

DO

Partido Socialista Francês

Um pedido de adiamento

Nicod, do Ain, é uma questão prévia que concerne ao adiamento dum Congresso sobre a questão da III Internacional. Uma comissão compreendendo representantes de todas as tendências esquerda, a questão seria elaborada um relatório dentro de seis meses, e depois um novo Congresso decidiria.

Daniel Renault, ao contrário de Nicod, pensa que jamais um debate esteve tão preparado e estudado como o respeitante à III Internacional. Pede, pura e simplesmente, a votação da ordem do dia.

Procede-se à votação por braços levantados, e a moção do Ain é rejeitada por grande maioria.

Um discurso de Sembat

A palavra é dada a Marcel Sembat. O orador destaca dois pontos das declarações dos delegados das Federações. Primeiro, há uma grande corrente de entusiasmo por detrás na moção Cachin-Frossard. Pode lamentar-se o facto, mas não lhe liga importância é o mesmo que desconfiar o jôgo das forças sociais. O segundo ponto é que esse entusiasmo ganhou particularmente os meios rurais. Propõe-se o adiamento da decisão, mas isso seria pedir um sacrifício exagerado a uma maioria

gôes, Longuet e os seus amigos votarão contra.

Blum defende a moção Nicod:

Nós dizemos que temos sido acusados de defender a scissão, não deixaremos passar ocasião alguma de garantir a unidade. Eis porque votamos a moção do Ain.

Cartier insiste pela votação pura e simples da ordem do dia.

Procede-se à votação por braços levantados, e a moção do Ain é rejeitada por grande maioria.

Ropport. — Sois vós que, neste momento das armas às camarilhas.

Sembat. — Não sei como há camarilhas cuja boa fé eu conheço, que posso julgar-me criador dum perigo, quando eu não faço mais que indicá-lo. Acaso não atesta o complot a existência diste perigo? Masse se julga que quando falo do perigo, tenho o intuito de encorajá-lo, passo adiante...

Uma voz. — Queres meter-nos medo?

Sembat. — Nada disso, porque vos conheço como sinceros e isentos de ideias reservadas. Uma outra consequência da decisão do Congresso de Tours será sem dúvida a de fazer o jôgo da burguesia. A burguesia francesa sente-

compacta. Não há lugar para dúvida a respeito do resultado do Congresso: ele votará a adesão. Sembat quer indicar as consequências práticas desse voto:

— É verdade que se diz não se tratar de fazer a revolução imediatamente, mas apenas de prepará-la. É um trabalho que já outrora foi empreendido.

O comité revolucionário central e o partido operário francês empenham-se nisso. Este último não era apenas um partido de elecioeiros. Guesse pensou sempre que seria preciso recorrer a um acto violento antes mesmo de obter a maioria no sufrágio. Mas que consequências trará a política da maioria? Apresentar o fianco aos ataques dum governo feroz. Feita que seja a votação, ela servirá para justificar as prepotências das camarilhas que intendem lançar mão dum qualquer membro do nosso partido.

Ropport. — Sois vós que, neste momento das armas às camarilhas.

Sembat. — Não sei como há camarilhas cuja boa fé eu conheço, que posso julgar-me criador dum perigo, quando eu não faço mais que indicá-lo. Acaso não atesta o complot a existência diste perigo? Masse se julga que quando falo do perigo, tenho o intuito de encorajá-lo, passo adiante...

Uma voz. — Queres meter-nos medo?

Sembat. — Nada disso, porque vos conheço como sinceros e isentos de ideias reservadas. Uma outra consequência da decisão do Congresso de Tours será sem dúvida a de fazer o jôgo da burguesia. A burguesia francesa sente-

perdida por uma crise financeira e económica que a sufoca; está, além disso, persuadida de que é preciso transformar o estado de espírito do proletariado, fazer com que o trabalhador produza mais. Há alguns meses o *Temps* aconselhava o sr. Oiolitti e censurava as concessões que fizera, ajudando: «Não há senão um meio de acabar com o proletariado: é levá-lo a um conflito armado». Sembat pensa que a suprema esperança do governo francês está em Versalhes, está numa representação sangrenta.

— Eis o que tenho para dizer-vos. Estou certo de que vos recareis a comprovar o operariado num movimento prematuro, mas como a falta de trabalho cresce de dia para dia, haverá gestos de impaciência que os vossos prudentes conselhos não poderão impedir.

— É preciso que se tenha um medo atrasado, que num breve prazo, rebente movimentos, produzindo-se então uma repressão terrível. Sei bem que me preguntares: «Estás seguro de que, se nos provocarem, ficaremos vencidos?» Mas é que em receio muito que os camponeses se voltem contra nós.

Vaillant-Couturier. — Mas dada que a burguesia esteja animada desse desejos de repressão sangrenta, supones que a adesão a Moscovo modificaria essa atitude seja no que for?

Sembat. — Nada disso, porque vos conheço como sinceros e isentos de ideias reservadas. Uma outra consequência da decisão do Congresso de Tours será sem dúvida a de fazer o jôgo da burguesia. A burguesia francesa sente-

se desunida por menchevistas. E parece-me que os operários ingleses atingiram quase o sindicalismo operário francês. Sembat supõe que as massas francesas estão mais aptas a imitar as massas inglesas do que as massas russas. E, respondendo à pregunta de Vaillant-Couturier:

— Se tivéssemos seguido a formação jauréssista do partido, penso que teríamos evitado as manifestações da burguesia. Dir-se-há que o nosso governo

não tem necessidade de pretexto. Talvez, Mas há uma força, em França certamente menos poderosa, que na Inglaterra, com que é preciso contar: é a opinião pública.

No entanto, Vaillant-Couturier insiste:

— Se a falta de trabalho aumentar, a insurreição tornar-se há possivel, e não serão arrastados os elementos extremos do Partido, tal como ele actualmente está, e não será então melhor que haja uma unidade de organização revolucionária?

Sembat responde que, de facto, uma unidade fictícia, como a do presente, não teria utilidade alguma, mas haveria um meio de unir o entusiasmo actual da Revolução Russa com a tradição socialista francesa. Esta tradição é bem desconhecida. Enganam-se os que supõem que o partido de anteguerra era composto de elecioeiros. Jauréss teria sempre que o partido de elecioeiros. Sei bem que me preguntares: «Estás seguro de que, se nos provocarem, ficaremos vencidos?» Mas é que em receio muito que os camponeses se voltem contra nós.

Vaillant-Couturier. — Mas dada que a burguesia esteja animada desses desejos de repressão sangrenta, supones que a adesão a Moscovo modificaria essa atitude seja no que for?

Sembat. — Nada disso, porque vos conheço como sinceros e isentos de ideias reservadas. Uma outra consequência da decisão do Congresso de Tours será sem dúvida a de fazer o jôgo da burguesia. A burguesia francesa sente-

se desunida por menchevistas. E parece-me que os operários ingleses atingiram quase o sindicalismo operário francês. Sembat supõe que as massas francesas estão mais aptas a imitar as massas inglesas do que as massas russas. E, respondendo à pregunta de Vaillant-Couturier:

— Se tivéssemos seguido a formação jauréssista do partido, penso que teríamos evitado as manifestações da burguesia. Dir-se-há que o nosso governo

não tem necessidade de pretexto. Talvez,

— Mas há uma força, em França certamente menos poderosa, que na Inglaterra, com que é preciso contar: é a opinião pública.

No entanto, Vaillant-Couturier insiste:

— Se a falta de trabalho aumentar, a insurreição tornar-se há possivel, e não serão arrastados os elementos extremos do Partido, tal como ele actualmente está, e não será então melhor que haja uma unidade de organização revolucionária?

Sembat responde que, de facto, uma unidade fictícia, como a do presente, não teria utilidade alguma, mas haveria um meio de unir o entusiasmo actual da Revolução Russa com a tradição socialista francesa. Esta tradição é bem desconhecida. Enganam-se os que supõem que o partido de anteguerra era composto de elecioeiros. Jauréss teria sempre que o partido de elecioeiros. Sei bem que me preguntares: «Estás seguro de que, se nos provocarem, ficaremos vencidos?» Mas é que em receio muito que os camponeses se voltem contra nós.

Vaillant-Couturier. — Mas dada que a burguesia esteja animada desses desejos de repressão sangrenta, supones que a adesão a Moscovo modificaria essa atitude seja no que for?

Sembat. — Nada disso, porque vos conheço como sinceros e isentos de ideias reservadas. Uma outra consequência da decisão do Congresso de Tours será sem dúvida a de fazer o jôgo da burguesia. A burguesia francesa sente-

se desunida por menchevistas. E parece-me que os operários ingleses atingiram quase o sindicalismo operário francês. Sembat supõe que as massas francesas estão mais aptas a imitar as massas inglesas do que as massas russas. E, respondendo à pregunta de Vaillant-Couturier:

— Se tivéssemos seguido a formação jauréssista do partido, penso que teríamos evitado as manifestações da burguesia. Dir-se-há que o nosso governo

não tem necessidade de pretexto. Talvez,

— Mas há uma força, em França certamente menos poderosa, que na Inglaterra, com que é preciso contar: é a opinião pública.

No entanto, Vaillant-Couturier insiste:

— Se a falta de trabalho aumentar, a insurreição tornar-se há possivel, e não serão arrastados os elementos extremos do Partido, tal como ele actualmente está, e não será então melhor que haja uma unidade de organização revolucionária?

Sembat responde que, de facto, uma unidade fictícia, como a do presente, não teria utilidade alguma, mas haveria um meio de unir o entusiasmo actual da Revolução Russa com a tradição socialista francesa. Esta tradição é bem desconhecida. Enganam-se os que supõem que o partido de anteguerra era composto de elecioeiros. Jauréss teria sempre que o partido de elecioeiros. Sei bem que me preguntares: «Estás seguro de que, se nos provocarem, ficaremos vencidos?» Mas é que em receio muito que os camponeses se voltem contra nós.

Vaillant-Couturier. — Mas dada que a burguesia esteja animada desses desejos de repressão sangrenta, supones que a adesão a Moscovo modificaria essa atitude seja no que for?

Sembat. — Nada disso, porque vos conheço como sinceros e isentos de ideias reservadas. Uma outra consequência da decisão do Congresso de Tours será sem dúvida a de fazer o jôgo da burguesia. A burguesia francesa sente-

se desunida por menchevistas. E parece-me que os operários ingleses atingiram quase o sindicalismo operário francês. Sembat supõe que as massas francesas estão mais aptas a imitar as massas inglesas do que as massas russas. E, respondendo à pregunta de Vaillant-Couturier:

— Se tivéssemos seguido a formação jauréssista do partido, penso que teríamos evitado as manifestações da burguesia. Dir-se-há que o nosso governo

não tem necessidade de pretexto. Talvez,

— Mas há uma força, em França certamente menos poderosa, que na Inglaterra, com que é preciso contar: é a opinião pública.

No entanto, Vaillant-Couturier insiste:

— Se a falta de trabalho aumentar, a insurreição tornar-se há possivel, e não serão arrastados os elementos extremos do Partido, tal como ele actualmente está, e não será então melhor que haja uma unidade de organização revolucionária?

Sembat responde que, de facto, uma unidade fictícia, como a do presente, não teria utilidade alguma, mas haveria um meio de unir o entusiasmo actual da Revolução Russa com a tradição socialista francesa. Esta tradição é bem desconhecida. Enganam-se os que supõem que o partido de anteguerra era composto de elecioeiros. Jauréss teria sempre que o partido de elecioeiros. Sei bem que me preguntares: «Estás seguro de que, se nos provocarem, ficaremos vencidos?» Mas é que em receio muito que os camponeses se voltem contra nós.

Vaillant-Couturier. — Mas dada que a burguesia esteja animada desses desejos de repressão sangrenta, supones que a adesão a Moscovo modificaria essa atitude seja no que for?

Sembat. — Nada disso, porque vos conheço como sinceros e isentos de ideias reservadas. Uma outra consequência da decisão do Congresso de Tours será sem dúvida a de fazer o jôgo da burguesia. A burguesia francesa sente-

se desunida por menchevistas. E parece-me que os operários ingleses atingiram quase o sindicalismo operário francês. Sembat supõe que as massas francesas estão mais aptas a imitar as massas inglesas do que as massas russas. E, respondendo à pregunta de Vaillant-Couturier:

— Se tivéssemos seguido a formação jauréssista do partido, penso que teríamos evitado as manifestações da burguesia. Dir-se-há que o nosso governo

não tem necessidade de pretexto. Talvez,

— Mas há uma força, em França certamente menos poderosa, que na Inglaterra, com que é preciso contar: é a opinião pública.

No entanto, Vaillant-Couturier insiste:

— Se a falta de trabalho aumentar, a insurreição tornar-se há possivel, e não serão arrastados os elementos extremos do Partido, tal como ele actualmente está, e não será então melhor que haja uma unidade de organização revolucionária?

Sembat responde que, de facto, uma unidade fictícia, como a do presente, não teria utilidade alguma, mas haveria um meio de unir o entusiasmo actual da Revolução Russa com a tradição socialista francesa. Esta tradição é bem desconhecida. Enganam-se os que supõem que o partido de anteguerra era composto de elecioeiros. Jauréss teria sempre que o partido de elecioeiros. Sei bem que me preguntares: «Estás seguro de que, se nos provocarem, ficaremos vencidos?» Mas é que em receio muito que os camponeses se voltem contra nós.

Vaillant-Couturier. — Mas dada que a burguesia esteja animada desses desejos de repressão sangrenta, supones que a adesão a Moscovo modificaria essa atitude seja no que for?

Sembat. — Nada disso, porque vos conheço como sinceros e isentos de ideias reservadas. Uma outra consequência da decisão do Congresso de Tours será sem dúvida a de fazer o jôgo da burguesia. A burguesia francesa sente-

se desunida por menchevistas. E parece-me que os operários ingleses atingiram quase o sindicalismo operário francês. Sembat supõe que as massas francesas estão mais aptas a imitar as massas inglesas do que as massas russas. E, respondendo à pregunta de Vaillant-Couturier:

— Se tivéssemos seguido a formação jauréssista do partido, penso que teríamos evitado as manifestações da burguesia. Dir-se-há que o nosso governo

não tem necessidade de pretexto. Talvez,

— Mas há uma força, em França certamente menos poderosa, que na Inglaterra, com que é preciso contar: é a opinião pública.

No entanto, Vaillant-Couturier insiste:

— Se a falta de trabalho aumentar, a insurreição tornar-se há possivel, e não serão arrastados os elementos extremos do Partido, tal como ele actualmente está, e não será então melhor que haja uma unidade de organização revolucionária?

Sembat responde que, de facto, uma unidade fictícia, como a do presente, não teria utilidade alguma, mas haveria um meio de unir o entusiasmo actual da Revolução Russa com a tradição socialista francesa. Esta tradição é bem desconhecida. Enganam-se os que supõem que o partido de anteguerra era composto de elecioeiros. Jauréss teria sempre que o partido de elecioeiros. Sei bem que me preguntares: «Estás seguro de que, se nos provocarem, ficaremos vencidos?» Mas é que em receio muito que os camponeses se voltem contra nós.

Vaillant-Couturier. — Mas dada que a burguesia esteja animada desses desejos de repressão sangrenta, supones que a adesão a Moscovo modificaria essa atitude seja no que for?

Sembat. — Nada disso, porque vos conheço como sinceros e isentos de ideias reservadas. Uma outra consequência da decisão do Congresso de Tours será sem dúvida a de fazer o jôgo da burguesia. A burguesia francesa sente-

se desunida por menchevistas. E parece-me que os operários ingleses atingiram quase o sindicalismo operário francês. Sembat supõe que as massas francesas estão mais aptas a imitar as massas inglesas do que as massas russas. E, respondendo à pregunta de Vaillant-Couturier:

— Se tivéssemos seguido a formação jauréssista do partido, penso que teríamos evitado as manifestações da burguesia. Dir-se-há que o nosso governo

não tem necessidade de pretexto. Talvez,